

RESENHA



F.C.

Diretor: PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. Cons. Crispiniano, 79 - 8.º andar — S. PAULO

ANO IV

SÃO PAULO — JUNHO — 1942

NUM. 46



**Onde os
GRANDES MESTRES
revivem...**

Animado por suas mãos de artista, o piano BRASIL reviverá os grandes mestres. É de mecanismo perfeito, de sonoridade impecável. Louvam-no os interpretes mais famosos. Encha seu lar de harmonias com esta obra prima que é o orgulho da nossa industria.

Pianos Brasil S. A.

Rua Stella, 63 — Tel. 7-5214 e 7-2274 — S. Paulo

AVISO

O presente numero não é
acompanhado de
SUPLEMENTO MUSICAL

A Direção

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Assinatura anual	20\$000
Idem, semestral	12\$000
N.º avulso c/ suplemento	3\$000
Suplemento avulso	3\$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, é expressamente proibido.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrasados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS: FONE 5-4630.

Redação: Rua Cons.º Crispiniano, 79, 8.º andar — S. PAULO.

"História da Música Brasileira"

De Renato Almeida

Flausino Rodrigues VALE

do Conservatório Mineiro de Música

(Especialmente para a
"Resenha Musical")

As letras pátrias vêm de ser enriquecidas com uma preciosa obra, de amplo fôlego, preenchendo uma lacuna de que há muito se ressentiam; pois o Brasil é já uma nação velha de quatro séculos e meio, e, o povo arraigadamente musical, é natural possua farta história a respeito.

Não levando em conta escritos esparsos, podemos dizer que só tínhamos três histórias de nossa música, uma, aliás, ótima, e que foi e será sempre a fértil e pura fonte de todas as que lhe sucederem, de autoria do ilustradíssimo bibliotecário da Escola Nacional de Música — Guilherme de Melo, de saudosa memória, intitulada: "A Música no Brasil"; esta, porém, além de esgotada, tornando-se raríssima, é um tanto antiga, pois foi publicada na Baía, em 1908, e desta data até hoje, a música entre nós muito tem evoluído, com o aparecimento de autênticos valores.

A Guilherme de Melo reserva-se, entretanto, a glória de ter sido o pioneiro, o primeiro desbravador dessa **oscura selva**, abrindo caminho e dilargando horizontes

para os pósteros. E foi, realmente, o homem talhado para tão árduo e difícil empreendimento; muito culto, estudioso por índole, de hábitos sedentários, exercendo por dilatados anos o cargo de bibliotecário de nossa matriz da música, em meio daquele rôr de livros, estava fatalmente predestinado a escrever a história da música em nosso país, o que fez com mão de mestre e autoridade incontestável. De u'a modéstia extrema, virtude esta que distingue ao mesmo tempo o santo, o sábio e o filósofo, seu ilustre nome ainda não teve a repercussão e as refulgências a que faz jus, e isto, principalmente, porque seu livro foi pouco divulgado, devido à pequena edição que se esgotou rapidamente, não tendo sido mais reeditado.

A outra História da Música no Brasil, devêmo-la ao grande violinista — Vincenzo Cernicchiaro, que sempre viveu no Rio de Janeiro, aposentando-se como professor de violino do Instituto Benjamin Constant, que, entretanto, até hoje, não lhe deu sucessor condigno. Trata-se, inegavelmente, de uma obra de real mérito, todavia, inqui-

nada de vários defeitos, sendo o maior deles o de ter sido escrita em língua estrangeira, o que gerou este injustificável paradoxo: uma história da música brasileira, escrita no Brasil, em italiano!? Além disso, embora o ilustre autor patenteie possuir vasta erudição e demonstre saber manejar a pena com mestria igual à que exibia quando brandia o arco, é bastante prolixo, do que resultou o alentado volume publicado em 1926.

A terceira obra, é a História da Música Brasileira, de Renato Almeida, vinda a lume, igualmente, em 1926. Saída das mãos de um escritor de fina estirpe, cuja prosa fluente e inspirada não raro atinge os páramos da poesia, ficou sendo, por bem dizer, a única história da música brasileira, até agora, quando surgiu a 2.^a edição da mesma, tão aumentada e valorizada com a inclusão de numerosos e preciosos textos musicais, que, na verdade, representa um novo livro.

É interessante notar que ambas as histórias da música no Brasil, em português, foram escritas por filhos do Estado da Baía, no qual o sentimento de brasilidade, parece, é mais estuante, e que tem brindado a literatura nacional, em seus diversos prismas, com expoentes os mais elevados. O novo livro está fadado à perenidade, e é digno de envaldecer nosso mundo literário. O ilustrado autor, apaixonado por este ramo de estudos, do qual é o maior mestre, alicerçou, seus conhecimentos sobre uma bibliografia vastíssima, imprimindo sempre ao que escreve, seu judicioso ponto de vista, a chancela de sua personalidade. Assim é que, tratando de um assunto, depois de apresentar as opiniões mais importantes a respeito, exara a sua, às vezes na síntese magistral de um simples período.

Seu belo livro, de grande formato, con-

tendo quinhentas e tantas páginas, até ao meio trata de nossa demosophia musical; e na segunda metade, então, discorre sobre a música erudita, cujo verdadeiro surto data da chegada de D. João VI e luzida comitiva.

Fôrça é convir, entretanto, que esta música erudita, de cunho tradicional europeu, ainda não conseguiu desvencilhar-se dos moldes de origem, a não ser em raríssimas exceções; e a música nacional, autóctone, continua fervilhando dentro da imensa caldeira de nosso riquíssimo folclore, à espera do mago, do alquimista, do cirurgião que, com os braços nus, livres de toda e qualquer peia alienígena, arranque-a de lá, pura e límpida, forte e sadia, esplendorosa e promissora, como é a própria alma do Gigante Brasileiro. Lendo a História da Música Brasileira, de Renato Almeida, pode-se, bem, aquilatar da riqueza, das fontes inexauríveis e tão pouco exploradas de nossa música. Seu livro não interessa apenas aos artistas; todo o intelectual, seja qual for o ramo a que se dedique, não pode prescindir de conhecê-lo; e há de se dar com todos o que aconteceu comigo: à proporção que vamos avançando na leitura, vai se apossando de nós o pesar de ver aproximar-se o fim!. E atingido este, não resistimos ao desejo de recomeçá-la, como se empreendêssemos, outra vez, uma viagem por terras nunca dantes sonhadas, refertas de variegadas belezas, tendo por moldura permanente o som de instrumentos de toda sorte, começando nas brenhas de nossas milenares florestas, com a música enervante e ativíssima dos maracaxás, curugus, vatapis e uatotós, até que a maravilhosa excursão vá terminar na Capital da República, ouvindo-se um concerto sinfônico do maior músico, não só do Brasil como de todas as Américas — o genialíssimo Vila Lobos.

Breve Estudo em Preto e Branco

(Especialmente para
"Resenha Musical")

Eurico Nogueira FRANÇA

— S. Paulo, 15-6-42 —

Pena é que o programa "Ondas Musicais", já tradicional no Rio de Janeiro, organizado pela Liga Brasileira de Eletricidade, e transmitido em cadeia de estações, não consiga ser ouvido nesta cidade de S. Paulo.

Os artistas contratados se sucedem mensalmente, irradiando às 13 horas, todas as terças feiras e na segunda e última sexta feira de cada mês. Não é tarefa simples, em matéria de arte, estabelecer um padrão rigoroso de valores, de forma a separar os nomes já definitivamente consagrados, ou merecedores de consagração, daqueles que se elevam e flutuam por simples acaso, em consequência a erros palmares de discernimento ou favoritismo passageiro. Por essa razão, um empresário radiofônico com o sr. J. W. Campos, diretor das "Ondas Musicais", cujo faro e instinto são sempre acertados, torna-se um elemento precioso em nosso ambiente musical.

O programa do mês de junho está sendo realizado por Tomaz Teràn. Conhecendo-o de perto, buscaria uma frase que pudesse defini-lo, tanto no que respeita à apaixonante comunicabilidade da sua arte, como ao retraimento que vem marcando sua existência pessoal. Na realidade, quando a gente pretende chegar ao fundo dessas questões, encontra logo um conceito de or-

dem moral, que esclarece o assunto inteiro: Teràn é a mais íntegra organização de pianista de que tenho notícia (— e não posso, aliás, a propósito do mesmo clima psicológico, que anima tão poucos intérpretes, esquecer a figura de Arnaldo Estrella). Resta esclarecer que a definição exclue, necessariamente, a tremenda vocação de concertista dum Joseph Hoffman, ou de Rubinstein, vocação que nesse extremo é dom diferente da natureza, e pressupõe não uma comunicabilidade maior, nem tão pouco transigência, porém um compromisso mais elástico entre o artista e o público.

Teràn ao piano é, como se diz na saborosa linguagem popular, preto no branco. Preto e branco como o teclado do piano; a sonoridade homogênea e sem nuances de registros, que, na interpretação dum Walt Disney, daria a combinação de todas as cores numa imagem branca, contrastando com o negror — de que, meu Deus? — de todas aquelas coisas que neste mundo absorvem a luz, sem refleti-la.

E entretanto, Teràn extrae da sua matéria prima, preto e branco, toda a cambiante riqueza de timbres que é possível imaginar. São ondas de luz, em Bach, é o sentimento idílico da natureza, em Beethoven. O "Estudo" das teclas pretas, de Cho-

pin, dado com ímpeto surpreendente e a "Evocación" e "Navarra", de Albeniz, numa versão das mais autênticas pela bravura e colorido.

Tomaz Teràn, em prosseguimento a essa série de audições radiofônicas executará, ainda este mês, algumas obras de autores brasileiros que lhe foram dedicadas: uma composição de Francisco Mignone, a "Bachiana", para piano, de Villa Lobos, dois belos "Prelúdios" inéditos de Radamés Gnattali e a "Dansa Selvagem" de Camar-

go Guarnieri. Esta última peça do grande compositor paulista está escrita originalmente para orquestra e foi executada no concerto que abriu a temporada deste ano, na Cultura Artística do Rio de Janeiro, sob a regência do próprio autor. Alcançou, então, com outras composições da sua lavra, significativo sucesso, que repercutiu na imprensa, ao mesmo tempo que Andrade Muricy, crítico do "Jornal do Comércio", estudava toda a obra de Camargo Guarnieri, num magnífico "Folhetim".

"Resenha Musical"

PÓDE SER LIDA NAS SALAS DE LEITURA DAS PRINCIPAIS
BIBLIOTECAS, DOS MAIORES HOTEIS E CLUBES DO PAIZ

D. Kopenhagen

FILIAL NO RIO:

R. Buenos Aires, 52 — Tel. 43-9740

MATRIZ — SÃO PAULO:

R. Dr. Miguel Couto, 28 e 41

Telefone 3-3406

Filial: R. Barão de Itapetininga, 92

Tel. 4-39.46

FABRICAÇÃO

DE

ESPECIALIDADES

EM

MARZIPAN

E

Chocolates



Casemiras, Brins e Linhos, nos
mais variados padrões, V. S.
encontrará na

Casa Alberto

LARGO SÃO BENTO N.º 40

Fone 2-2336 — S. PAULO

RUA FREI GASPAR N.º 39

Fone 4-476 — SANTOS

Três Paisagens Brasileira Por Frans Post

Robert C. Smith JUNIOR

Universidade de Illinois

Em 1937, o governo do Estado de Pernambuco comemorou a passagem do tricentenário da chegada ao Recife do Conde Maurício de Nassau-Siegen, para assumir o posto de primeiro governador holandês das províncias portuguesas do nordeste do Brasil, que haviam sido recentemente conquistadas pelos holandeses. Das medidas tomadas para comemorar esse aniversário, fez parte a publicação da primeira monografia a ser escrita sobre o topógrafo oficial da expedição do Conde de Nassau, Frans Post, o primeiro paisagista europeu a pisar em terra do Hemisfério ocidental. Mas nem o distinto autor desse estudo, ou quem está escrevendo o presente, que em recente artigo tentou inventariar os quadros de Post, estavam familiarizados com todas as obras do mestre. Faz pouco, apareceram três novas paisagens de tal importância na obra desse pintor seiscentista que justificam um estudo separado e minucioso.

Frans Post nasceu em Leyden em 1612, sendo seu pai Jan Janszoon Post, pintor de vitrais, e seu irmão Peter, um notável arquiteto holandês. Ele fez parte de um grupo de artistas que em 1637 acompanharam Maurício de Nassau ao Brasil, aí permanecendo até à volta do príncipe para a Holanda em 1644. Desse ano até a sua

morte em 1684, permaneceu o artista em Haarlem, pintando uma série de paisagens do Brasil, em continuação ao tipo que já havia posto na tela durante sua estada no Recife. Em 1645 preparou os desenhos, agora conservados no Museu Britânico e no Real Museu de Bruxelas, destinados a ilustrar a obra *Rerum per Octennium in Brasilia* de Caspar van Berle, um magnífico trabalho em que é feita uma narrativa pormenorizada da permanência do governo em Pernambuco.

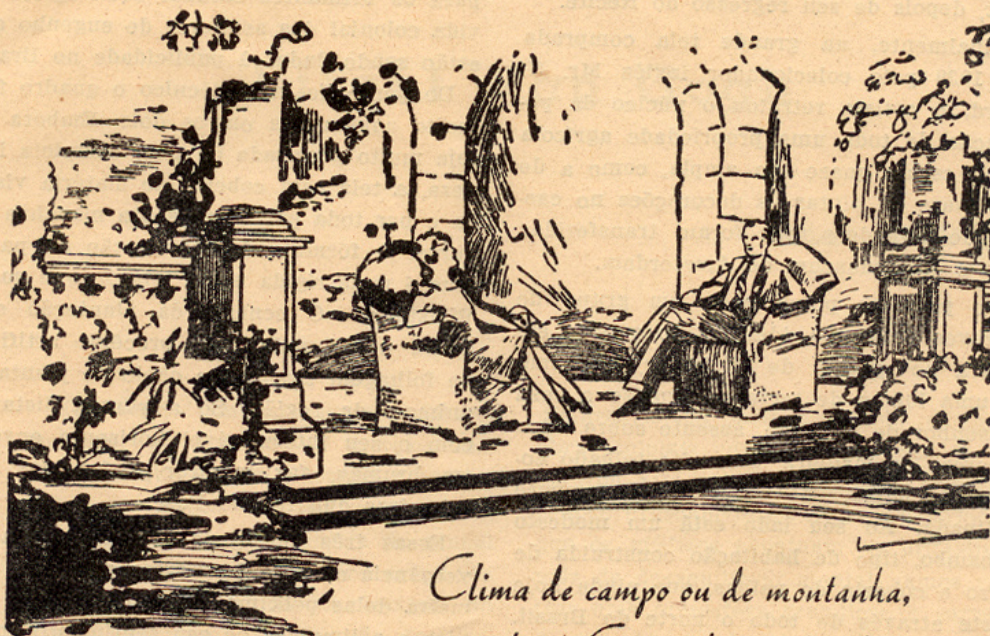
Até hoje só dez quadros datados podiam ser atribuídos ao período de permanência de Post no Brasil. Entretanto, uma nova paisagem encontra-se agora na coleção de Carl Freund, de Nova York, que é assinada e tem a data de 1642. Pelo assunto que serviu-lhe de tema e pela qualidade de técnica de sua execução, ela se enquadra perfeitamente bem naquele pequeno grupo de telas. Nos anos em que Post acompanhou as expedições militares pela costa brasileira do Rio Grande do Norte até Alagóas, o jovem mestre holandês reproduzia nas suas paisagens, com a mais rigorosa fidelidade, as lagoas, os pantanos, a expressiva tonalidade dos céus, das vastas planícies intermináveis da região litorânea. O artista foi encontrar no Brasil um tipo de paisagem que era quase

uma cópia fiel, exceto pelos seus aspectos tropicais, das regiões campestres neerlandesas. Na paisagem da coleção de Freund, ele nos mostra uma dessas cenas, provavelmente tirada da várzea existente entre Olinda e Recife. Atravessando o primeiro plano, aparece uma complicada série de cursos d'água, enquanto que um caminho já muito batido conduz, através de uma ponte levadiça, às distantes fortificações do Recife. A composição do quadro é, em essência, a mesma que se encontra na paisagem da ilha de Itamaracá, existente no Rijksmuseum em Amsterdam, e que Post terminou em 1637. No primeiro plano mais próximo, ele colocou um grupo igual composto de um agricultor holandês e de seu criado preto, constituindo, porém, um distinto acréscimo a figura de uma simpática mulata carregando à cabeça um cesto de roupas. A colocação no lado esquerdo das paisagens, de árvores frutíferas tropicais, faz lembrar a posição do mandacaré na tela representando o Rio São Francisco, executada em 1637 e agora conservada no Museu de la France d'Outre-Mer, em Vincennes; enquanto que o quadro representando o céu carregado de nuvens espessas, areia comburente, e vegetação aquática, faz lembrar uma outra tela companheira daquela existente no Musée de Vincennes, a paisagem do Forte dos Reis Magos, no Rio Grande do Norte, datada de 1637.

Em todo o quadro da coleção de Carl Freund causa impressão ao observador o extremo cuidado com que Post reproduziu as delicadas nuances da paisagem, a textura contrastante da folhagem e a qualidade dissemelhante das águas. Como nos outros quadros desta série, as plantas por ele pintadas poderiam servir para ilustrar um compêndio de botânica; os traços fisionômicos e os costumes dos negros e dos índios, são tão ricos de detalhes nos seus quadros como nos que foram pintados pelo seu brilhante companheiro no Brasil, Albertus van der Eeckhout. Entretanto, nes-

ta como nas demais pinturas do grupo, Post, na sua caprichosa pesquisa de detalhes, não perdeu de vista o caráter geral da paisagem nem jamais deixou de gravar a impressão de um certo momento do dia, como uma espécie de amostra antecipada da futura escola de impressionismo.

Por outro lado, a paisagem na coleção de Julius H. Weitzner, em Nova York, é de caráter mais generalizado. Assinada porém sem data, ela provavelmente pertence ao período de atividade de Post em seguida ao seu regresso a Haarem onde, por trinta e seis anos passou para a tela aspectos da paisagem, da vida e dos costumes do Brasil para o seu patrono, o Conde de Nassau-Siegen e um pugilo de amantes de maravilhas exóticas do século dezesseite. O quadro representa as ruínas da Sé de Olinda, um dos mais imponentes edifícios levantados pelos portugueses no Brasil antes da invasão holandesa. Foi esse um assunto que Post tentou por duas vezes reproduzir no tempo de sua permanência no Brasil, encontrando-se presentemente no Louvre a tela dessa primeira tentativa em 1640, enquanto a outra versão do ano de 1644, acha-se no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no Rio de Janeiro. Foi-lhe preciso empreender o assunto por várias vezes, mas nunca ele nos dá ao espírito uma imagem mais aproximada da Sé em ruínas do que na tela da coleção Weitzner. Esse quadro está povoado de figuras de negros, ativos camponeses da região, enfarpelados nos seus festivos trajes de encarnado e branco, mas que não nos são apresentados com a mesma fatura caprichosa que caracteriza a tela anteriormente referida. Pode-se constatar a mesma delicada tendência generalizadora no tufo de folhagem no lado direito da tela, em que o impasto extremamente claro dá à cena um aspecto de irreabilidade. Vê-se ao fundo, espalhando-se em direção ao horizonte distante a nevoenta e infinda várzea pernambucana. A bruma tenuemente azulada que se levanta desse es-



Inscrições N.º 8, 11 e 14, nas 24, 44 e 54 Cist.

*Clima de campo ou de montanha,
em plena Capital e com todo o
conforto das grandes cidades, só no*

*Jardim - América
ou no
Pacaembú*

*- as duas maravilhas de urbanismo
da metrópole paulista.*

COMPANHIA CITY

A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul, estabelecida em S. Paulo desde 1912.
89. RUA LIBERO BADARO

tendal de pântanos e lagôas para a atmosfera luminosa, completa a fórmula característica da paisagem brasileira de Frans Post, depois de seu regresso do Recife.

Finalmente, na grande tela comprada em 1929 pelo colecionador inglês Mr. G. Ward, o artista retratou o núcleo da população de toda uma propriedade agrícola numa escala quase tão ampla, como a de que usara ao pintar as decorações no castelo de Ryksdorp, que foram transferidas para o Rijksmuseum de Amsterdam.

No primeiro plano vê-se um grupo de escravos dansando, idêntico ao que se encontra no quadro de Weitzner. No cimo de uma lomba de terreno ergue-se a casa do senhor de engenho, assente sobre altos alicerces de madeira, com alto telhado coberto de palha, de cumieira fortemente inclinada. Ao seu lado está um modesto mucambo, tipo de habitação construída de barro e coberta de palhas, que ainda hoje existe através de todo o norte do Brasil. Abaixo, encontra-se a modesta capela de engenho ou capela da fazenda, de linhas arquitetônicas de extrema severidade com a típica fachada predominante na região, de duas janelas quadradas por baixo de um óculo. Esta capela tem um interessante pórtico ou alpendre do qual se acha pendente o sino da igreja, tal como se vê ainda em muitas capelas em lugares afastados em Pernambuco. Quem a vê, sente-se inclinado a reconhecer na casa ao lado a residência do capelão da fazenda.

Logo atrás da capela está o engenho, a primitiva casa de purgar, ponto de reunião de negros, carros de boi e de truculentos feitores holandeses, tão frequentemente representados por Post nos seus quadros.

A casa grande à direita, deve ser provavelmente a senzala ou morada dos escravos.

O quadro a óleo é um documento social incomparável, e produção única do aspecto colonial dos ásteros grupos patriarcais nas fazendas de cultura estabelecidas pe-

los portugueses na região da cana de açúcar de sua grande colônia americana. Poderia servir como um perfeito símbolo para os brilhantes estudos sociológicos da vida colonial dos senhores de engenho que estão sendo dados à publicidade no Brasil.

Do ponto de vista técnico o quadro fica muito aquém dos outros dois. Embora esteja muito precisada de uma completa limpeza, a tela está coberta de matéria viscosa e por toda parte apresenta manchas escuras. A fórmula de reprodução da paisagem é mais rígida nesta tela do que na de Weitzner. O cenário da plantação está agora emoldurado num procênio artificial de folhagem tropical, e chelo de plantas e animais da região. Só a várzea distante, com o seu interminável horizonte envolto em brumas, faz lembrar a frescura dos primeiros quadros de Post.

Essas três paisagens representam a divergência na obra do mestre, pois se a primeira delas pela magnificência de sua técnica e a limpidez de seu sentimento enche de satisfação ao conhecedor de pintura, as outras duas são um repositório de preciosas informações para os que estudam o nordeste da era colonial no Brasil.



● Num concurso de resistência musical, levado a efeito recentemente em Berlim, nos Estados Unidos, Mr. John Muncie, o vencedor, tocou piano ininterruptamente durante cinquenta horas e cinco minutos.

● Todos os sons podem ser ouvidos na água a uma distância maior do que na terra.

Vicent Van Gogh

Lúcio CARDOSO

Van Gogh é um inovador em pintura, inovador no sentido de criação, responsável que é, com Cézanne e outros, pelo movimento subjetivista na arte pictórica. Sobre esse mestre do pincel publicamos hoje o magnífico artigo de Lúcio Cardoso, saído ha tempos no "Dom Casmurro" do Rio de Janeiro.

Em nenhum outro pintor moderno existe tanta facilidade para suscitar a admiração dos ingênuos como em Van Gogh; é que a sua franca revolta contra todos os métodos estabelecidos pela pintura e o seu gosto pela evasão, são matéria de escândalo para os olhos que desde o princípio do mundo se contentam com a superficialidade das coisas. Na verdade, a profundidade da concepção do grande pintor de "No limiar da Eternidade" é um dos signos mais autênticos do seu gênio mergulhado na tragédia.

Nada existe de aparente nessa estranha pintura; é uma completa subversão da ordem natural pela ordem profunda, subversão profética que rompe os círculos da vida normal para se instalar em pleno domínio da loucura. Se nas obras iniciais de Vicent Van Gogh já encontramos traços inequívocos dessa grandeza apocalíptica, é entretanto a partir do ano fecundo de 1888 que assistimos nas suas telas à invasão in-

disfarçável do mistério. Tudo o que em obras iniciais como "Comedores de Batatas" ou "Os sapatos" é apenas esboço, altera-se bruscamente e a par do período em que os médicos acentuam os primeiros sinais de desequilíbrio mental vamos encontrar uma atmosfera grandiosa e carregada de um obscuro desespero, já bastante visível na famosa "Ponte Lewis". Cumpre acrescentar que como tantos artistas e filósofos do seu tempo, Van Gogh é essencialmente um profeta do desespero, do fecundo desespero que faz oscilar as pesadas muralhas da realidade cotidiana afim de favorecer a ressurreição de algumas parcelas do invisível, é mesmo o ponto essencial que tanto o distancia de um Cézanne na sua compreensão absoluta da pintura, essa febre que transforma em flamas tudo o que os seus olhos distinguem. No antigo evocador de atmosferas sombrias, influenciadas pela concepção da vida de um Ibsen, de um Strinberg, de um Bjoerson, o aparecimento do sol, do eloquente sol de Van Gogh, é o ponto de partida para um novo período. Mais tarde, a transcrição de um quadro de Rembrandt sob um dos seus imensos astros incendiados, poderá pelo seu valor simbólico, marcar o sinal da revolta. Já então vamos encontrar um Van Gogh tumultuoso, intencional e obscuro, transformando simples castanheiras flori-

das em grandes incêndios que os olhos desatentos nada parecem exprimir senão o achado de uma coloração excepcional, mas que na verdade significa a essência desse pensamento ousado que tenta recriar as coisas não no seu ambiente natural, mas na sua essência secreta, nos seus múltiplos movimentos em relação à atmosfera e à criação total, que transformará as suas árvores em tochas fumegantes e as suas estrelas em vastos mundos que giram incansavelmente, aprisionadas pelas próprias auras — mundos que aumentam de tela para tela, que fogem, oscilam, arrastam-se como longas cabeleiras flamejantes, explodem algumas vezes nas misteriosas comunicações que só o olhar do gênio pode descobrir. E não só as árvores e as estrelas de Van Gogh surgem nuas nessa atmosfera de cataclisma; ainda ao contrário de Cézanne, cuja noção sobre pintura emprestava aos objetos uma surda imobilidade, fixados no seu ambiente como as pedras embutidas na terra e como estas, alimentando-se da mesma atmosfera que as envolve, numa passividade cheia de suficiência, Van Gogh levanta um mundo ondulado, cheio de fibras, desvairado em toques bruscos, repletos de uma audácia que não raro se aproxima da alucinação. Os próprios objetos cotidianos, vulgares como a cadeira de Gauguin ou o quarto do próprio pintor, são parcelas carregadas de mistério e apresentadas através de um colorido que tende ainda mais a absorvê-los. E nunca é mais trágica a sua concepção da vida e nem mais aguda a sua percepção de impossibilidade dos homens; é o momento do "Café da Noite" onde as lâmpadas já parecem pertencer ao céu de astros giratórios que iria construir mais tarde, é o momento do "Lupanar" e da "Sala de Hospital".

Mas com o correr do tempo a sua visão liberta-se de todas as heranças herdadas das escolas de pintura e das cópias dos grandes mestres e Van Gogh, que sabia como nenhum outro que o gênio nada tem

a ver com as coisas estabelecidas pelos homens senão a obediência à voz da sua predestinação penetra vitoriosamente nesse domínio em que tantos críticos cegos, confundidos pelo furor da sua criação, nada viam além do arbítrio manejado pelas mãos de um louco. Van Gogh é um dos descobridores do absurdo, no eterno absurdo que segue como uma sombra as formas da tragédia — eis a sua paisagem de Monteel onde o céu inteiro parece se abraçar como nos tempos bíblicos — eis o jardim de Daubigny onde tudo se cresta sob o furor de uma força invisível, eis o retrato do dr. Gachet e o de sua filha. Mas o que nos traz de um só jato o Van Gogh trágico que habita o mundo proibido da loucura, o que desenvolve aos nossos olhos de uma maneira tão terrível quanto a dos grandes pintores da antiguidade a profecia dos dias próximos da expiação, são as duas obras finais, aquelas em que tudo parece se consumir numa angústia irrefreável de mãos que se sentem impotentes para exprimir: o campo de trigo onde se banqueteiavam os corvos êsse inigualável "Campo sob um céu de tormenta".

Em Van Gogh, ainda uma vez diferente de Cézanne, para quem as coisas valiam apenas como matéria de pintura (o que de determinado modo amplia a sua importância), tudo vale, não como simples objeto de estudo, mas em relação com a sua origem, o seu fim e as obscuras relações criadas no espaço. Assim é que o sol é um mar de vagas amarelas que se dilatam e giram incansavelmente, assim é que as estrelas aparecem dissociadas e fragmentadas em formas que se estendem e ondulam como rios revolvidos por uma convulsão subterrânea e as colheitas, essas bizarras colheitas em que ele tanto trabalhou, um impulso de germinação confusa e avassaladora, um mundo que nasce tumultuoso, cheio de uma ânsia frenética pelas profundezas onde se estende a sombra impassível da morte.



GLUCOSE GERA ENERGIA!

ASSIMILE "GLUCOSE" DIARIAMENTE NA FORMA
DE BALAS — BONBONS — CAMELOS — ETC.

O EMBLEMA É SUA GARANTIA DE
QUE O PRODUTO CONTÉM GLUCOSE



NOVIDADE!
Quertzodont
CREME DENTAL
LIQUIDO

NAS FARMÁCIAS, DROGARIAS,
PERFUMARIAS, ARMARINHOS
E NAS FARMÁCIAS CATEDRAL:
PRAÇA DA SÉ, 152 E LARGO 7 DE SETEMBRO, 30



SEGUROS DE VIDA na

A "São Paulo", Cia. Nacional de Seguros de Vida
Sede: Rua 15 de Novembro, 330, 4.º andar
SÃO PAULO



Botica ao Veado de Ouro

Fundada em 1858

A MAIOR E MAIS ANTIGA
FARMACIA DE S. PAULO

RUA SÃO BENTO, 219

VEAFER

fortificante

do

sangue

e

dos

nervos



USAI
NAS VOSSAS
VIOLAS, VIOLÕES,
CAVAQUINHOS,
BANDOLINS,
E GUITARRAS

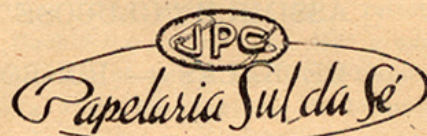
AS AFAMADAS
CORDAS VERDEGAES

**"Sem
Rival"**



URIO BECCATO & IRMÃO

Rua do Gazômetro, 66 - Fone: 2-9977
SÃO PAULO



TIPOGRAFIA

Impressos em geral — Encaderna-
ção, Douração, Carimbos de Borra-
cha, Alto Relevo

PAPELARIA

Completo sortimento de artigos para
escritórios, desenho e escolares. —
Importação direta

J. PECORA & CIA.
RUA JOSÉ BONIFACIO, 325
Telefone, 2-5399 — S. PAULO

"Resenha Musical"

Assinatura anual	20\$000
Semestral	12\$000

Rua Conselheiro Crispiniano, 79-8.º

— SÃO PAULO —

Edições Musicais

Clovis de OLIVEIRA

Impromptu n.º 3 — Emirto de Lima
(p. piano) — Editorial Musical Conti
Colombia

Desde que mantenho correspondência com Emirto de Lima, ou, mesmo — posso dizer com convicção — amizade, que verifico o músico, o musicista, o musicólogo de muito valor que ele é, destacando-se sempre o seu trabalho pela música americana. Conhecedor profundo do folclore de sua Pátria, Emirto de Lima o tem divulgado com amor e inteligência.

Hoje, mais do que nunca, devemos abalçar os valores e, também, a ação honesta dos que mourejam pelas Américas. Como é lógico, ninguém mais do que os americanos para traçar os planos da música das Américas. E esses planos estão traçados instintivamente porque brotaram com forte seiva em os nossos corações. Em primeiro lugar, o folclore. Abandoná-

lo ou não aproveitar os ritmos aborígenes, é fazer música, mas nunca a música das Américas.

Distinguimos pelos ritmos, pelos motivos, a música de um país, como distinguimos pelas cores, a sua bandeira. Ambas nasceram espontaneamente, consagradas pelo sentimento de nacionalidade. Um movimento “inter-americano” ou “americanista” no campo musical, como no político, só o aceitamos, quando partido de americanos. Emirto de Lima é um dos que integram o movimento “americanista” legitimamente porque é um verdadeiro colombiano.

* * *

O Impromptu n.º 3, é uma peça delicada e pianística. O problema técnico musical foi tratado com carinho de modo a realçar a combinação de efeitos bem inspirados.

DR. Angelo Gayotto

— Cirurgião Dentista —

Consultas das 9 às 11 e das 2 às 5 horas
R. João Bricola, 46 - 5.º - s. 534-535
Fone: 2-3314

Prof. Samuel Archanjo dos Santos

Piano — Harmônia — Teoria

Alameda Barão de Piracicaba, 830
Fone 5-1434 — São Paulo

CONCERTOS

SARAU LXII DA SOC. BACH DE S. PAULO — Com pequena alteração no programa, iniciou-se o concerto que esta Sociedade proporciona mensalmente aos seus sócios.

Foram apresentadas diversas Arias de contralto, de J. S. Bach, Haendel e W. F. Bach. D. Herta Beinhauer de modo agradável desempenhou-se desta parte do programa.

Com a apresentação da violinista húngara, Eva Kovach, ouviu-se o Concerto em mi maior para violino, sem dúvida o menos lindo dos quatro concertos para o mesmo instrumento, de autoria de Bach. No entanto ficamos impressionados pela maneira vigorosa e segura como foi executado.

Com parte final, orientado pelo maestro M. Braunwieser, apresentou-se o conjunto vocal dessa Sociedade nos Corais, n.º 242, 244 e 245 "Meu Jesus não deixarei" de J. S. Bach — aquele que melhor do que ninguém compôs obras para glorificar a Deus.

Agradou plenamente esta apresentação, já pela delicadeza da obra, já pelas vozes do conjunto, que são de muita nitidez e melodia.

Artur Melo Godói

MÚSICA DE CAMERA PELO QUARTETO HAYDN EM 26-6-42 — Confirmando sua ótima qualidade, apresentou-se em boa fôrma, afirmando-se a mais e mais no conceito do exigente público paulistano.

Nesta noite, tivemos de Debussy, o Quarteto Op. 10, sendo que no terceiro movimento o Andantino foi realmente doce e expressivo.

Digno de todos os encômios, a execução do Op. 64, n.º 5 de J. Haydn.

Este compositor levou à perfeição a música de camera. Os seus quartetos são de um encanto inexgotável. Neles reúnem-se os elementos mais puros da arte musical. São variados ao extremo os timbres, mas sem jamais se afastarem do parentesco, e vemos que cada linha é traçada com absoluta clareza.

Nos quartetos, a melodia e a arquitetura da obra ocupam a primeira plana.

Para finalizar este notável espetáculo exibiu-se o Coral Paulistano, regido pelo maestro Arquerons. Exceto "Ave verum" de Mozart, as demais composições constituíram las audições.

Devemos destacar a "Canção do Solvejg's" de Grieg, onde o Coral demonstrou de modo convincente a seriedade com que todos os seus componentes se dedicam à sua nobre carreira.

Artur Melo Godói

HENRY JOLLES — Mais uma vez, tivemos oportunidade de ouvir o excelente pianista Henry Jolles, desta vez, em uma encantadora reunião, à rua Sta. Cruz, 325, em Vila Mariana, para a qual fomos convidados por delicadeza de seus promotores.

O programa musical esteve a cargo do pianista Henry Jolles. Ouvimos magnificamente interpretados a Fantasia e Fuga Cromática, de Bach, a Sonata em ré M., de Schubert, Barcarola n.º 3 de Fauré, A maré encheu, de Villa-Lobos, Andaluza, de Falla, Noturne, Valse em lá m., e Polonaise n. 53, de Chopin, e, Andantino varié, de Schubert, à quatro mãos com o concurso de Elizabeth Jolles.

Pela transcrição do programa vemos quanto valioso ele foi. Henry Jolles, que não se cansa de ouvir, confirmou todas as suas preciosas qualidades, musicalidade, magníficos dedos, pedalização, senso rítmico, etc. Apreciamos devidamente a colaboração da sra. Jolles.

C. de O.

ISOLDA BASSI — Nem sempre o ouvir uma vez somente uma artista, permite-nos aquilatar com exatidão o seu valor real e as suas mais importantes qualidades. Principalmente se a exibição primeira é com orquestra ou conjunto instrumental. Ela poderá demonstrar desenvoltura, ritmo, mesmo o que chamamos técnica, mas nunca "virtuosismo" em plenitude. Virtuosismo não quer dizer grande técnica, como erradamente muitos pensam, quer dizer algo muito mais importante, quer dizer elevação artística, quer dizer reunião de qualidades da qual a material técnica é, apenas, um veículo de expansão. Pois bem, Isolda Bassi completa o nosso argumento. Em concerto realizado a 3 de Junho, no Municipal, Isolda Bassi revelou possuir "virtuosidade". Difícil nos torna apreciar o que Isolda executou quando admiramos como Isolda interpretou. Programa eclético, excelente. Os grandes nomes da arte musical ali estavam reunidos não só para serem executados mas, pelo valor de suas obras, revelarem mais uma pianista de escóla, de grande talento artístico. Isolda Bassi, filha do consagrado pintor Torquato Bassi, portanto, artista por hereditariedade, surge no cenário artístico brasileiro do mesmo modo que uma palmeira esbelta e robusta surge da terra desafiando o espaço e se alongando pelas alturas. Isolda Bassi surgiu e aperfeiçoou a sua arte com tanta inteligência que já lhe sorri auspiciosamente a glória.

Isolda Bassi resume em sua mocidade qualidades magníficas que é dado assistir na maturidade dos artistas cónscios de sua responsabilidade e de suas possibilidades pianísticas. Isolda Bassi é uma artista.

C. de O.

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA — Regente: Souza Lima; Solista: Arnaldo Estrella.

A 24 do corrente, realizou-se no Teatro Municipal, do Rio de Janeiro, o 4.º Grande Concerto da Série de Assinatura, promovido pela Orquestra Sinfônica Brasileira.

Reinava em torno desse concerto, uma atmosfera de grande interesse musical pelo fato de nele atuar o ilustre pianista Arnaldo Estrella, consagrado há dias vencedor do movimentado concurso "Columbia Concerts", realizado em o Rio de Janeiro, e o brilhante regente Souza Lima.

Como s6e acontecer ocm Souza Lima, na reg6ncia o programa estava magnificamente organizado: Beethoven — Leonora n.º 3; Rachmaninoff — Concerto n. 2, com Arnaldo Estrela, ao piano; Eleazar de Carvalho — Noturno em r6; Debussy — Noturnos; Rimsky — Korsakow — Capricho Espanhol.

Dizer do sucesso d6ste concerto 6 como que dar 6nfase ao que j6 foi dito pelos abalizados cronistas da imprensa carioca. N6s, dentre outras coisas, precisamos frisar aqui a grande simpatia que desfruta o nosso querido Souza Lima, na Capital do pa6s. Merecida simpatia. T6o entusi6sticos aplausos colheu ao concluir o concerto que foi obrigado a repetir o final do Capricho Espanhol. Quanto a sua atua66o foi exemplar, retil6nea, de uma linha invej6vel.

Assomou ao palco, em meio ao programa, o pianista Arnaldo Estrela, recebido com uma farta m6sse de aplausos. Pianista s6rio, culto e fino, Arnaldo Estrela impressiona pela sua diretriz altamente elevada. Sua t6cnica, mui bem acabada, 6 de uma maleabilidade espantosa.

Seus dedos calcam o teclado de modo a refletir sonoridades ricas em nuances, desfiando todo o ros6rio de notas do grande Rachmaninoff, com uma familiaridade absoluta. Merecidos os aplausos que colheu.

Agora, cumpre-nos dizer algo sobre a O. S. B.. Tivemos ensejo para observar que ela 6 composta de instrumentistas excelentes. O que falta-lhes, ainda, 6 certa unidade nos arcos e nos metais. Naqueles quanto ao ritmo e nestes quanto ao som e afina66o. Mas, estas observa66es em nada diminue o valor do conjunto porque s6o repar6veis. At6, digo mais, pode ser, mesmo, falta de um maior n6mero de ensaios. Pelo que ouvi e observei, 6 a Orquestra Sinf6nica Brasileira, um conjunto que honra a arte musical. Desde o seu presidente, maestro Jos6 Siqueira, at6 o mais modesto de seus auxiliares, a vontade 6 uma s6: realizar para vencer! Vencer para dotar o pa6s de uma grande orquestra que possa represent6-lo dignamente como express6o de sua cultura musical e art6stica.

C. de O.

"Resenha Musical"

PUBLICAR6 NO PR6XIMO N6MERO AMPLO

NOTICI6RIO SOBRE O RECENTE CONCURSO

"Columbia Concerts"

REALIZADO NO RIO DE JANEIRO

Galeria dos Mestres

— I —

Querendo cortar, faça-o por esta linha



HEITOR VILLA-LOBOS —
grande compositor brasileiro
— nasceu no Rio de Janeiro, a
5 de Março de 1888.



A União Panamericana e Waldemar de Almeida

por GUMERCINDO SARAIVA
(Do Inst. de Música e a Soc.
de Cultura Musical do Rio G.
do Norte).

Waldemar de Almeida, o esteio mais forte da arte musical em nossa terra, além de outras menções honrosas, acaba de receber da "União Panamericana", de Washington uma carta do Sr. Charles Seeger, Chefe de Música, daquele departamento, no sentido de incentivar a música latino-americana, dando uma formação mais coesa e satisfatória.

O maestro norte-riograndense, além de dirigir o Instituto de Música e a Soc. de

Cultura Musical do Rio G. do Norte, está ligado aos problemas musicais de sua terra.

O seu livro NORMAS PIANÍSTICAS, já ultrapassou as nossas fronteiras e continua em direção a novas conquistas. O Chile, Argentina, Alemanha, México, estão sendo ora visitados por aquele trabalho, penso inédito no seu gênero.

Dou abaixo a carta que me refiro. Ei-la:

Washington, D. O. E. U. A. — 12 de Fevereiro de 1942.

Presado Senhor:

A 2 de Janeiro tivemos a honra de lhe dirigir uma carta informando-lhe do plano editorial que esta seção está empreendendo.

Venho agora informar-lhe que, com o fim de aumentar a utilidade da nossa biblioteca como fonte de informações para todos os interessados no estudo da música latino-americana, desejariamos ter à nossa disposição fotografias e dados biográficos sobre todos os compositores nela representados. Na nossa coleção de música, temos algumas de suas composições, e apreciariamos muitíssimo se tivesse a fineza de nos enviar uma fotografia sua, como também autorização para reproduzi-la em estudo sobre sua música

que poderão ser publicadas no futuro. Também desejaríamos ter à mão informações biográficas que julgar conveniente, juntamente com a lista, e mais completa possível de suas obras, publicadas ou inéditas.

Para sua conveniência, mando-lhe incluso um rótulo impresso, com o qual poderá enviar sua correspondência isenta de franquia postal.

Aproveito este ensejo para novamente oferecer-lhe os préstimos dessa seção, e espero que não exitará em consultar-nos sempre que posamos servir. Em espera de suas notícias, subscrevo-me respeitosa-

(a) Charles Seeger
Chefe de Música.

Grande Liquidação Anual

ROUPAS FEITAS PARA HOMENS E RAPAZES

Modas para Senhoras — Artigos de cama e mesa
Tapeçarias — Tapetes — Cortinas e Móveis estofados

TUDO COM GRANDES REDUÇÕES

PREÇO FIXO S/A

RUA DIREITA, 250-254
S. PAULO

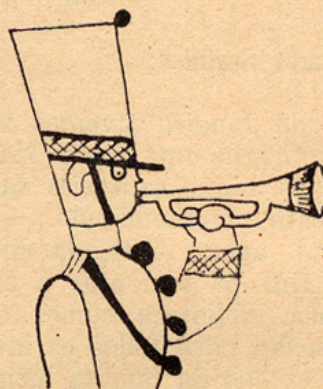
RUA QUITANDA, 157
SANTOS

Suportes
Siebner
ORTOPEDISTA
Flexibilidade
Carateristico
dos nossos suportes
Um alivio para o
mal-estar dos seus pés.
RUA AUGUSTA, 2514
TEL. 8-3089 - S. PAULO

● Foi Johann Kuhnau, o organista predecessor de Bach, na igreja de São Tomas, em Leipzig, o primeiro autor de sonatas para solo de cravo, o avô do piano moderno.

PASSAGEM DO BATALHÃO SINHO

— CLOVIS DE OLIVEIRA —
(para piano — duas mãos)



“A mais linda estilização dos nossos
batalhões infantis”

Nova Edição — Preço: 3\$000

Pedidos à Redação de “RESENHA
MUSICAL” ou às melhores casas de
música

VARIAS...

NOTÍCIAS DO PERÚ — Atuou durante o mês de Maio, no Teatro Municipal de Lima, a Cia. de Opera y Zarzuelas Españolas, do maestro peruano Enrique Roldan Seminario; no dia 12 de Maio, realizou-se um concerto do famoso tenor Frederick Jagel, do "Metropolitan Opera"; a Orquestra Sinfônica Nacional realizou concertos (dias 18, 19, 25 e 26 de Abril e 10 de Maio), sob a direção do maestro Theo Buchwald, atuando os solistas Mercedes Padrosa (piano) e Bronislaw Mitman (violino), no Teatro Segura, atuou a Cia. de Operetas, Zarzuelas y Revistas, dirigida pelo maestro espanhol Rafael Carretero.

EUGÈNE TAIZLINE — Está em nosso país esse eminente pianista.

ALEXANDRE BRAILOWSKI — Esteve em "tournée" pelo nosso país, esse famoso pianista.

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO ARTÍSTICA DO ESTADO DE S. PAULO — Para completarem o C. O. A., foram eleitos os srs. profs. Armando Bellardi, presidente do Sindicato dos Músicos Profissionais e diretor do Conservatório Carlos Gomes, desta Capital e o sr. Mozart Tavares de Lima, professor de música da Escola Normal Caetano de Campos.

CONCURSO "COLUMBIA CONCERTS" — Consagrado vencedor o pianista Arnaldo Estrella.

VIOLINISTA OSCAR BORGETH — Oscar Borgeth realizou dois grandes concertos em Porto Alegre, nos dias 9 e 12 do corrente, para a Associação Rio-Grandense de Música.

HOMENAGEM A MUSICISTAS PANAMERICANOS — Oito musicistas, representantes de sete países latino-americanos, foram homenageados com bolsas de estudos e menções honrosas, oferecidas pela Comissão Inter-americana de Música de Nova York por ocasião da representação de música sul-americana no Coty da Quinta Avenida.

A senhorita Maria Almeida de Vasconcelos, cantora brasileira, recebeu menção honrosa.

INTERVENÇÃO OFICIAL NO CONSERVATÓRIO DRAMÁTICO E MUSICAL DE S. PAULO — Como medida acauteladora dos interesses de segurança nacional, o

sr. Laudelino de Abreu, delegado auxiliar e Superintendente do Serviço Especial de Fiscalização das Organizações Agrícolas, Comerciais, Educacionais e outras, resolveu, por portaria de 20 do corrente, nomear o sr. Carlos Alberto Gomes Cardim Filho, engenheiro-chefe da Divisão de Urbanismo da Prefeitura da capital e secretário do Conselho de Orientação Artística, interventor com amplos poderes para dirigir o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

O sr. Carlos Alberto Gomes Cardim Filho prestou compromisso às 14,30 horas, perante o sr. Laudelino de Abreu, tendo tomado posse do cargo às 16,30 horas.

Ouvindo pela reportagem da Agência Nacional, o sr. Carlos Alberto Gomes Cardim disse que tinha aceitado a investidura com que foi honrado pelo sr. Laudelino de Abreu e que tudo faria para dar ao grande estabelecimento de ensino de S. Paulo uma administração à altura das suas necessidades.

— “Por ora tenho pouco ou quase nada a dizer à reportagem, mas desejo frisar que a vida educacional do Conservatório de São Paulo não terá solução de continuidade e tudo farei para corresponder amplamente à expectativa daqueles que me honraram com a sua confiança”.

O sr. Carlos Alberto Gomes Cardim Filho, é engenheiro-chefe da Divisão de Urbanismo da Prefeitura de São Paulo e secretário do Conselho de Orientação Artística, além de ser nome largamente conhecido nos meios artísticos e musicais da capital, onde goza de grande prestígio e simpatia.

É sobrinho do sr. Pedro Augusto Gomes Cardim, já falecido, e que em 1906 fundou esse grande estabelecimento de ensino musical de onde têm saído grandes artistas.

VILLA-LOBOS — Segundo telegramas da U. P., a partitura “Descobrimento do Brasil”, do grande compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos, será executada nos Estados Unidos, sob a regência do notável maestro norte-americano Werner Jansen, durante a temporada de concertos de verão.

EM JABOTICABAL — Realizou-se a 1.º do corrente, no salão do Clube Atlético, um recital da cantora argentina Olga Isodrach, promovido pelo Departamento de Cultura daquele clube. A recitalista foi acompanhada ao piano pela admirado pianista jaboticabalense Sílvio Tancredi. Nos intervalos, esse pianista executou sob aplausos da numerosa assistência, vários sólos, destacando-se a “Dansa Ritual do Fogo” de M. Falla, que marcou notável sucesso.

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO ARTÍSTICA DO ESTADO DE S. PAULO — Foi promulgado em 19 de Maio passado, pelo sr. Interventor Federal, o Dec. n.º 12.611, de 31 de Março de 1942, referente a modificação de dispositivos dos Decretos 7.106, 9.597-1938 e 9.798-1938, referentes ao Conselho de Orientação Artística de São Paulo, e Salão Paulista de Belas Artes. De real importância, essas modificações vieram sanar certas dúvidas levantadas e traçar uma diretriz segura à fiscalização dos estabelecimentos particulares de ensino artístico, exercida nos termos do Dec. 9798-1938, pelo C. O. A. de São Paulo.

A promulgação desse decreto, respeitando o parecer 224 do Conselho Nacional de Educação e homologação do sr. Ministro, aliás o que já vinha sendo respeitado pelo C. O. A., veio sanar perfeitamente as dúvidas levantadas, quanto à aplicação da parte

final do art. 2.º, § único do Dec. 9798-1938, permitindo mais uma vez salientar a legalidade e segurança para os estabelecimentos fiscalizados e reconhecidos nos termos do dec. 9798-1938. Dessa forma passou a ter a seguinte redação o art. 2.º do Dec. 9798-1938: "Os cursos ou estabelecimentos particulares de ensino artístico, deverão solicitar fiscalização ou reconhecimento no mês de Janeiro. — Parágrafo único — Os estabelecimentos de ensino artístico que obtiverem fiscalização federal, nos termos do decreto-lei federal n.º 421, de 11 de maio de 1938, comunicarão esse fato ao Conselho de Orientação Artística, deixando de ser fiscalizados pelo Estado".

Outra modificação de grande valia verifica-se em dispositivos do Dec. 7.106, de 1935, referente ao Regulamento do Salão Paulista de Belas Artes, que veio reajustar e nacionalizar os tradicionais Salões Paulistas de Belas Artes, neste momento tão propício.

Com respeito às justas modificações do Dec. 9597-1938, referente à reorganização do Conselho de Orientação Artística de S. Paulo, permitiram ainda maior estabilidade ao mesmo e fez com que se tornasse mais eficiente sua organização, dando assento no Conselho, a representantes de classes artísticas de grande valor.

GRÊMIO MUSICAL CARLOS GOMES — Propugnando por uma maior difusão da Divina Arte, um grupo de alunos e de ex-alunos do Conservatório Musical Carlos Gomes, desta Capital, acaba de fundar o Grêmio Musical Carlos Gomes, anexo àquele renomado estabelecimento de ensino artístico.

Em Assembléia Geral de fundação da novel entidade, realizada a 25 de Maio passado, foram apresentados aos sócios fundadores os estatutos que iriam reger os destinos do Grêmio. Após sua aprovação procedeu-se a eleição da 1.ª Diretoria que administrará a entidade até 25 de janeiro de 1944, sendo sufragados os seguintes nomes: Olavo Stamato Martins, presidente; Noris Leonardi, vice-presidente; Vicente Capone, 1.º Secretário; Florisbela Gatti, 2.º Secretário; Armando Trocoli, 1.º Tesoureiro; Rosa Bianco, 2.º Tesoureiro; Henriqueta Peracchi, Diretor-Artístico; Rafael Casalanguida, Diretor Social; Alba Rossi, Bibliotecário.

"RESENHA MUSICAL" aplaude a feliz e brilhante iniciativa dos alunos do Conservatório Musical Carlos Gomes, desejando muitas realizações no campo artístico-musical.

CONSERVATÓRIO MUSICAL "CARLOS GOMES", Campinas — Esta escola de música, realizou a 13 do corrente, uma audição encerrando as atividades do 1.º semestre.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS — Agradecemos a permuta: MUSICA EDUCATORS JOURNAL, Chicago; NOTICIÁRIO CATÓLICO INTERNACIONAL, Buenos Aires; NOVA LURDES BRASILEIRA, Niterói; BOLETIM DA B. B. C., Londres; REVISTA MUSICAL, México; ORIENTACION MUSICAL, México;

JEAN PIERRE CHABLOZ A RESENHA MUSICAL — O notável pintor suíço Jean Pierre Chabloz que recentemente realizou com grande repercussão uma exposição em S. Paulo, por ocasião de sua visita a esta revista ofereceu um belíssimo trabalho que figurará d'oravante na nossa galeria enriquecida dentre outras, com obras de Martins Ribeiro, o saudoso pintor patricio, Hob, Viski, Fried Pal, Hilda Campo-

fiorito, Zorlini. Neste registro, a Direção de RESENHA MUSICAL reitera seus agradecimentos ao brilhante pintor Jean Pierre Chabloz, pela gentileza da oferta ao mesmo tempo uma distinção mui honrosa para os que labutam pela arte no campo difícil da difusão da arte pela imprensa.

LUIZ HEITOR E EURICO N. FRANÇA — Em trânsito pela Capital paulista, visitaram a 15 do corrente, a Redação da "Resenha Musical", os ilustres professores Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e dr. Eurico Nogueira França. Elementos de destacada projeção no meio artístico do Rio de Janeiro, exercem grande atividade pelo engrandecimento e divulgação da música brasileira. Luiz Heitor é colaborador brilhante desta revista e Eurico N. França, seu dedicado correspondente na Capital do país.

ERRATA do artigo: "Moléstias dos Violinistas e dos Pianistas", inserto em o n.º 45, do mês de Maio.

Na epigrafe, leia-se: MOLESTIAS

Pág.	3	1. ^a	coluna	linha	6	leia-se	1930
"	3	1. ^a	"	"	28	"	instrumentistas
"	4	1. ^a	"	"	7	em vez de:	gerações, leia-se: civilizações
"	4	1. ^a	"	"	19	leia-se	tuberculose;
"	5	1. ^a	"	"	1	"	escopro
"	5	1. ^a	"	"	13	"	fato
"	5	1. ^a	"	"	29	"	continuados, podem
"	5	2. ^a	"	"	2	"	áfono
"	5	2. ^a	"	"	13	"	Haydn
"	5	2. ^a	"	"	19	"	Professionelles

A V I S O

s.

Dada a escassês do papel no mercado e o seu elevado custo, a Direção desta revista, como medida acauteladora de seus interesses e no interesse de seus inúmeros assinantes e assíduos leitores, resolveu reunir no próximo número, os meses de Julho e Agosto, ns. 47 e 48, que circulará na 2.^a quinzena deste último mês, contendo em suas páginas crônicas assinadas por ilustres nomes do meio artístico nacional.

A Direção

Apólices Populares Paulistas

Relação das apólices premiadas no 28.º sorteio ordinário, realizado no dia 30 de Junho de 1942, conforme ata da Bolsa Oficial de Valores publicada no "DIÁRIO OFICIAL":

1.º PRÊMIO — 208.361 — QUINHENTOS CONTOS DE RÉIS

2.º PRÊMIO — 176.143 — CINQUENTA CONTOS DE RÉIS

3.º PRÊMIO — 886.534 — DEZ CONTOS DE RÉIS

40 PRÊMIOS DE 1:000\$000 CADA UM, SOB NÚMEROS:

047.443	220.385	494.758	648.101
049.325	227.515	516.421	826.090
075.087	244.099	516.857	832.301
112.625	267.324	548.326	856.054
117.676	274.935	604.340	864.429
128.738	274.991	618.198	885.718
149.800	304.166	621.030	897.003
177.458	316.855	627.559	897.004
196.549	336.684	637.557	914.447
196.843	441.370	641.651	941.837

Os portadores das apólices acima poderão receber os prêmios no "guichet" de qualquer Banco desta Capital ou do Interior do Estado.

O próximo sorteio ordinário das Apólices Populares será realizado no dia 30 de Setembro de 1942, com a distribuição de Rs. 600:000\$000 em prêmios, sendo o 1.º de quinhentos contos de réis, o 2.º de cinquenta contos de réis, o 3.º de dez contos de réis, e mais 40 prêmios de um conto de réis.

Banco do Estado de S. Paulo

(SOCIEDADE ANÔNIMA)

(Banco oficial do Governo do Estado)

MATRIZ — SÃO PAULO

Agências:

Amparo — Araçatuba — Avaré — Barretos — Batatais — Baurú — Braz (Capital) — Caçapava — Campinas — Campo Grande (Mato Grosso) — Catanduva — Franca — Ibitinga — Itapetininga — Jaboticabal — Jaú — Limeira — Marília — Mirasol — Novo Horizonte — Olímpia — Ourinhos — Palmítal — Pirajuí — Pirassununga — Presidente Prudente — Quatá — Ribeirão Preto — Santo Anastácio — São Carlos — São Joaquim — Santos

Depósitos — Empréstimos — Câmbio — Cobranças — Transferências
— Títulos — As melhores taxas — As melhores condições
— Serviço rápido e eficiente

O
BRINDE

ESTÁ NA

Qualidade



Café

Palmeiras

EXTRA

FINO

TINTURARIA



SAXONIA

LAVAM — LIMPAM — TINGEM-SE

Oficina e Escritório:
Rua B. de Jaguara, 980 — Tel. 3-7214

Agência:
Rua Senador Feijó, 50 — Tel. 2-2396



Marca Registrada

TAPETES FEITOS A MÃO
Executam-se sob encomenda em qual-
quer estilo e formato

MANUFATURA DE TAPETES

Santa Helena Ltda.

Matriz — São Paulo
R. ANTONIA DE QUEIROZ, 183

Fone: 4-1522

Filial — Rio de Janeiro:
R. DO OUVIDOR, 123 — 1.º ANDAR
Fone: 22-9054